

REFLETINDO SOBRE QUESTÕES DE GÊNERO: A TRIÁDE CRIANÇA-ESCOLA- FAMÍLIA EM PERSPECTIVA

Josilene do Nascimento Rodrigues (Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: lene-nr@hotmail.com)

Maria Edna Silva de Alexandre (Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: edna_silva20@hotmail.com)

INTRODUÇÃO

As questões de gênero e sexualidade, apesar da quebra de muitos paradigmas que historicamente circunscreveram relações de opressão, ainda comportam reservas, não ditos, enunciações preconceituosas, discriminações, entre outros aviltamentos. A constatação da persistência de práticas sociais que depreciam a expressão do gênero e exercício da sexualidade que divergem do modelo hegemônico, pautado na heterossexualidade, torna emergente a necessidade de questionar-reflectir-repensar os dizeres, saberes e fazeres, que contribuem para a manutenção de tais comportamentos.

Nesse sentido, faz necessário lançar um olhar crítico para o papel das instituições sociais nessa dinâmica, sobretudo daquelas que são consideradas como as principais/primeiras responsáveis pelo processo de socialização/humanização, a saber: a família e a escola.

É pelo processo de socialização que a família repassa, constrói e autoriza determinadas práticas, de modo que à medida que desvela o mundo para o socializando, limita também o horizonte para onde este deve direcionar o olhar. Assim, a depender do sistema de crenças e valores de cada família, evidenciam-se visões díspares acerca do acolhimento e valorização da diversidade sexual e de gênero.

As escolas são instituições responsáveis formais pela transmissão cultural de saberes convencionados e a socialização dos indivíduos, representando um local privilegiado para o questionamento da realidade com vistas à transformação social. Todavia, esta instituição pode contribuir também, para a transmissão informal e expressão de preconceitos, facilitando a exclusão social a partir de processos

classificatórios e discriminatórios que parecem legitimar formas de compreensão da realidade dos sujeitos envolvidos, produzindo e circunscrevendo as diferenças.

De modo particular, têm-se registrado que a escola vem sendo desafiada a posicionar-se frente às pressões e ações depreciativas representativas de estereótipos e preconceitos sociais, como por exemplo, a discriminação em função da identidade sexual de gênero que se processam em seu cotidiano.

A vivência da repressão, em níveis diversos, das identidades de gênero periféricas corresponde a um processo de subjetivação que constrói incessantes e inusitados territórios existenciais que travam embates com as forças dominantes no âmbito social contemporâneo, sendo a escola um espaço privilegiado de sua expressão, digno de investigação (TOLEDO e PINAFI, 2012). A temática da diversidade sexual e de gênero convocam a família e a escola para o exercício de repensar as práticas sociais que difundem cotidianamente a este respeito.

O presente trabalho tem por objetivo tecer uma reflexão sobre o papel da família e da escola acerca da manutenção e desestabilização de modelos hegemônicos no tocante a expressão do gênero e exercício da sexualidade.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo de natureza exploratória-descritiva, (VERGARA, 2004; BARROS; LEHFELD, 1986). Assim sendo, fez-se uma análise de conteúdo temática de duas reportagens, veiculadas no site Uol Educação em setembro de 2012 e fevereiro de 2013, respectivamente trazem como manchete o seguinte: “Escola no Japão distribui cartilha de diversidade sexual a crianças e adolescentes”¹; “Pais denunciam escola por proibir criança transgênero de usar o banheiro das meninas”².

Para maior familiarização com a temática abordada nas reportagens (Minayo, 2007), realizou-se uma análise bibliográfica exploratória sobre as questões de gênero na escola e o papel da família, buscando contextualizar o material das reportagens com as questões teóricas da área. Para a análise das reportagens, recorreu-se a técnica de análise de conteúdo temática (BARDIN, 2006), que permitiu

¹ <http://educacao.uol.com.br/noticias/2012/09/01/para-apoiar-filho-que-prefere-usar-vestidos-pai-na-alemanha-passa-a-usar-saias.htm>.

² <http://educacao.uol.com.br/noticias/2013/02/28/pais-denunciam-escola-por-proibir-filho-transgenero-de-usar-banheiro-das-meninas.htm>.

organizar os dados a partir da construção de categorias temáticas conforme o tipo de conteúdo abordado nas reportagens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A reportagem que relata a história em que uma criança transgênero que é impedida de usar o banheiro das meninas convoca a reflexão acerca de como a escola lida com a diversidade de gênero. Trata-se de uma criança de 6 anos de idade que, mesmo sendo marcada biologicamente pela inscrição do sexo masculino, identifica-se como sendo uma menina e reivindica o direito de ser tratada como tal, desde o pronome de tratamento feminino, quanto a utilização do banheiro feminino na escola. Esta reivindicação foi atendida aparentemente de forma inquestionável, todavia sobre a alegação de que esta situação poderia incomodar os demais estudantes e seus pais, assim como causar problemas no futuro por se tratar de um “menino” utilizando o banheiro das meninas, a escola proíbe esta prática.

Diante desta situação, cabe questionar o papel da escola no sentido de refletir se a atitude inicial de tratar o “menino” como “menina” consistiu numa postura de acolhimento e respeito da diversidade de gênero ou apenas representou uma situação compreendida como “normal”, baseada na crença de que *não há problemas, é apenas uma criança*, dado a argumentação de que no futuro isso poderia ter sérias implicações. Outra questão que desperta reflexão refere-se à decisão da administração da escola de que a criança deveria deixar de utilizar o banheiro do gênero ao qual se identificava (feminino) passando a usar o banheiro masculino, da enfermaria ou dos funcionários.

Tal prática incorre em discriminação da identidade de gênero, delimitando espaços legítimos e criando zonas de ilegitimidade, além de evidenciar a posição conservadora da escola e sua dificuldade em lidar com a diversidade. Louro (2012) facilita a reflexão acerca da forma como a escola, através de suas práticas cotidianas, contribui para a produção e manutenção de estereótipos de gênero ao afirmar que: “a escola delimita espaços. Servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas (p. 62)”.

Esse processo descaracteriza a essência da escola como lugar de socialização e acolhimento da diversidade, demonstrando a necessidade de

discussões aprofundadas acerca da diversidade como valor social a ser resguardado.

Outra questão é a menção sobre uma escola na Suécia que dispõe de bonecos assexuados como forma de evitar estereótipos de gênero, instruindo também os professores a não recorrerem ao uso de pronomes pessoais como ele e ela, sugerindo como alternativa o uso de “amigos” ao falar com as crianças. Essa experiência pode ser compreendida como uma iniciativa, ainda que minoritária, que contribui para a desestabilização de estereótipos de gênero, destacando a possibilidades de práticas sociais no ambiente escolar de valorização e acolhimento da diversidade. Experiências como estas, tornam emergente a importância da adoção de uma gramática de gênero, por parte da escola, que compreenda as diversas expressões de gênero, para além da dicotomia *masculino e feminino*.

Outro ponto a enfatizar é que neste ato de vestir-se com uma saia para apoiar o filho e desmistificar o que seria apropriado para homem e para mulher; propicia com que a criança supere e desvincule os significados do que seria o comportamento e vestimenta de cada gênero (feminino, masculino), possibilitando enxergar o diferente como o não desviante. Assim, Louro (2012, p. 82), problematiza que existe uma barreira de sentido difícil de superar, em que para que venha a reconhecer-se como homossexual, é necessário que desvincule o gay e lésbica das representações a que aprendeu a associá-los, ou seja, terá que deixar de percebê-lo como patológico, desviante, "não naturais e ilegais de sexualidade".

Algo a se enfatizar é em relação a importância do reconhecimento, acolhimento e aceitação dos pais da identidade de gênero a qual se identifica a criança, visto que eles são peças fundamentais na constituição da identidade desta. Isto fica evidente na reportagem que expõe sobre a criança transgênero, visto que esta nasceu menino e identifica-se como menina, sendo algo que seus pais reconhecem e aceitam, destacando-a como sujeito que tem direitos sobre seu corpo, seus pensamentos, seus valores e atitudes do que seja sua identidade de gênero.

Concernente a isto, Santos et al., (2007, p. 06) afirmam que "a inexistência de acolhimento e de atitude respeitosa, de aceitação do modo de ser do filho", propicia problemas relacionado a adaptação e auto-estima do sujeito. É pertinente destacar, que as duas reportagens se encontram no ponto que diz respeito à conduta acolhedora e respeitosa dos pais frente à identificação dos filhos com o sexo oposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de legitimação da escola como instância transformadora da realidade social, cabe a ela trabalhar na promoção de projetos que possibilitem a emancipação dos alunos, reconhecendo e problematizando o que está posto como natural no cotidiano escolar. É premente que os processos pedagógicos levem em consideração a complexidade, a diversidade e a riqueza presentes na dinâmica escolar, propiciando tanto o respeito quanto o reconhecimento dos diferentes modos de ser e estar no mundo que fazem parte da experiência singular de cada sujeito, especialmente no tocante a diversidade de gênero.

Nessa dinâmica, faz-se de extrema importância a participação da família, como um ponto de apoio para a superação do preconceito e outras formas de discriminação vivenciadas pelos sujeitos que não perfilham suas identidades de gênero nos moldes hegemônicos. Assim, o apoio da família juntamente com a participação da escola são fatores importantes para a construção e exercício de identidades de gêneros que, mesmo destoando do modelo dominante, serão acolhidas e respeitadas na expressão de sua diversidade.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 80, 2006.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 8, n. 16, dez. 2008.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 14. ed., 2012 .

SANTOS, Manoel Antonio dos; BROCHADO, José Urbano; MOSCHETA, Murilo dos Santos. Grupo de Pais Homossexuais. **MSAD Revista Electrónica Salud Mental**, Alcohol y Drogas. Vol. 3, numero 002. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto – Sp. 2007.

VINHOLES, Aline. **Gênero e identidade: reflexões sobre o contexto escolar**. In: IX Seminário ANPED SUL, 9., 2012, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Anais... Caxias do Sul, Rio Grande do Sul: UPPLAY, 2012. p. 01-10. ISSN 2238-9229. Disponível em: <
<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2216/297>>. Acesso em: jul. 2014.

TOLEDO, Livia Gonsalves; PINAFI, Tânia. A clínica psicológica e o público LGBT. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, vol. 24, n.1, p. 137-163, 2012.